

ALL GOD'S CHILDREN. DIRIGIDO POR ROBERT LEMELSON E CHISAKO YOKOYAMA ADAIR. 67 MINUTOS. COLORIDO. PRODUZIDO POR ANNIE TUCKER.

All God's Children. Directed By Robert Lemelson And Chisako Yokoyama Adair. 67 Minutes. Coloured. Produced By Annie Tucker

Parry Scott
Universidade Federal de Pernambuco



2023
Volume 9, Coleção 1
ISSN: 2525 - 3781 (n.1)

O filme *All God's Children*, é um filme produzido nas línguas indonésio e balinês, com excelentes legendas em inglês, apresentado com imagens e som de muita boa qualidade. Com muita sensibilidade e engajamento, o filme narra a história de vida de um adolescente, Idris, com autismo, ressaltando os esforços dispendidos pela mãe, por outras pessoas e por organizações para cuidar dele com respeito e oferecer uma melhora na vida dele e dos que convivem com ele. Inicia com os pais, separados, narrando a descoberta do autismo dele a partir de dois anos de idade, e os desconfortos nos relacionamentos do casal e da vizinhança. O irmão gêmeo dele, que não apresentou autismo, ficou na cidade com o pai, e a mãe voltou para a vila rural de origem com Idris. A busca de uma cura desemboca em itinerários que levam a meios biomédicos, espirituais e religiosos fora de casa, enquanto em casa, o prendia para não assustar os vizinhos incomodados com a sua maneira de ser bastante violenta e possessiva e com sua dificuldade de se comunicar. Ao longo do filme, a busca da mãe a leva ao encontro de outras pessoas que interagiam com pessoas

com autismo e outras deficiências, como uma professora que narra as dificuldades de interação e questiona as práticas da família. Ela também encontra pessoas que viviam com filhos e que haviam organizado meios de tratar, com um destaque especial à organização de iniciativa local que oferecia hospedagem e cuidados numa “instituição-pousada” especialmente para eles e que se dedicava à prática de sensibilizar as comunidades sobre como viver com pessoas com deficiência. Idris, após uma decisão dolorosa, mas firme da mãe, ficou internado. Houve uma reviravolta na sua sociabilidade que permitiu uma melhor qualidade de vida para ele e para a mãe e todas as pessoas que entravam em contato com ele e até a um reencontro com o pai e irmão de quem havia se separado há bem mais de uma década.

Os produtores do filme fazem com que as experiências vividas e as palavras das pessoas que as viviam sejam a maneira que o espectador compreende a situação. A mensagem montada no filme, que um tratamento paciente, carinhoso e respeitoso produz uma melhor da qualidade de vida, é muito aberta, mas evita um moralismo pedagógico ao não optar por um narrador oculto. Tem o valor de expor as ambiguidades vividas no cuidado de um deficiente sem fazer “recomendações” a todo instante. A busca incessante da resposta ao “porque eu?” e a resposta repetida de ser uma coisa de desenho divino, bem como a percepção de que autismo é mais uma maneira de viver e não uma doença com cura, são reiteradas nas falas de muitas das pessoas que são cuidadoras ou pessoas que convivem com elas. A presença maciça de mulheres que cuidam e o sacrifício envolvido nisso estão presentes, e muito evidentes. O esgotamento psíquico e físico da mãe que declara ter “dois corpos” porque ela nunca pode sair da proximidade física do seu filho reflete um sentimento compartilhado por muitos cuidadores, mas há um reconhecimento de envolvimento masculino em figuras como pais preocupados, padrastratos atenciosos e o empreendedor principal da pousada terapêutica, bem como no irmão gêmeo que recusa falar mal do Idris e deseja revê-lo. A abnegação do cuidado que envolve reprimir o impulso de revidar quando é agredido por um deficiente

sublinha minimamente duas coisas: a valorização do afeto mesmo que não possa ser expresso com clareza, e a necessidade de enfrentar a exigência do sacrifício nos relacionamentos que precisa ser ressignificado como uma valoração não somente do cuidador mas também da pessoa cuidada. A subcorrente de saber sempre da não aceitação e da crítica de uma porção significativa de pessoas na vizinhança e nos espaços públicos promove a criação de um grupo solidário próximo dos que experimentam situações análogas.

Há uma sutil representação da ausência de serviços públicos oferecidos pelo Estado. Não se critica diretamente nem a professora nem a profissional de saúde, que têm falas reflexivas e tecnicamente adequadas para os contextos onde trabalham. Mas as respostas vêm da base, de outras pessoas que vivem experiências semelhantes e que agem para criar melhores respostas. Se essas pessoas, tão próximas às mães, famílias, e deficientes, também são mediadoras de relações com o Estado e com outras instituições nacionais e internacionais para alcançar seu sucesso não é claro.

Autor: Parry Scott.
Universidade Federal de Pernambuco
<https://orcid.org/0000-0003-2274-9859>
rparryscott@gmail.com

Recebido: 9 de julho de 2022
Aprovado: 20 de novembro de 2022

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0), que permite o uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada. A licença não permite o uso para fins comerciais.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>

